

A Gráfica Diário Popular Ltda. de Pelotas como palco da produção gráfica local¹

No final do século XIX, emergiam os primeiros grandes jornais republicanos, como por exemplo, *O País* e a *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro e, *A Federação*, em Porto Alegre. Foi nesse intenso ritmo de produção jornalística nacional que a cidade de Pelotas viu nascer o jornal republicano Diário Popular, fundado por Theodósio de Menezes, em 27 de agosto de 1890. Segundo o jornalista Raul Quevedo, em edição comemorativa do centenário do jornal, de 25 de agosto de 1990, o Diário Popular

“(…) é o mais antigo diário do Estado, e um dos mais antigos em circulação no país, foi classificado por Paulo Duval como o décimo diário brasileiro em antiguidade, situando-se em terceiro lugar entre aqueles de circulação ininterrupta.”

Quando o jornal passa a atender interesses gerais, e não mais republicanos, uma maior tiragem tornou-se necessária e, assim, logo condições tecnológicas e humanas condizentes com tal demanda.

A importância do jornal se consolida a partir do desenvolvimento de um parque gráfico na cidade de Pelotas, na segunda década do século XX. Esse desenvolvimento se deu pela vantagem de ser uma região portuária, próxima ao porto de Rio Grande, como nas cidades do Rio de Janeiro e Porto Alegre, por onde as máquinas puderam chegar ao país, viabilizando a utilização das tecnologias gráficas e, também, a aquisição de papéis e tintas advindos da França, Inglaterra e outros países europeus. Em tal contexto, o Diário Popular aos poucos otimiza a produção gráfica de periódicos, em Pelotas, através da aquisição de máquinas, motores e tipos móveis. Aos poucos o processo de impressão passou a ser mais rápido, possibilitando a prestação de serviços a outros jornais e empresas da região.

1. Primeira fase – Os primórdios da indústria gráfica no Brasil

As primeiras máquinas impressoras e tipos móveis chegaram ao Brasil juntamente com a Corte Portuguesa, trazidas pelo ministro da Guerra e dos Estrangeiros do Príncipe Regente, Antônio de Araújo de Azevedo, para a construção da Imprensa Régia. Essa fundaria o primeiro jornal brasileiro, em 1808, *Gazeta do Rio de Janeiro*, que utilizou

¹ Artigo de autoria da aluna Camila Wohlmuth da Silva, com participação da acadêmica Karina Weber e adaptação feita pela professora Ana da Rosa Bandeira e pela aluna Sibelle Carvalho de Medeiros.

em suas publicações prelos e padrões europeus. Ao longo dos anos, com o fim da censura da Imprensa Régia, a produção gráfica começou a ser mais explorada com o advento de novos jornais e oficinas de artes gráficas, que incorporaram em seu parque máquinas advindas do exterior, como rotativas, linótipos e tipografia (CARDOSO, 2009, p.29).

Anos mais tarde, com a instauração da República, muitos jornais terão seu formato alterado e sofreriam uma série de inovações, como compra de impressoras. Um exemplo disso foi o jornal *O Estado de São Paulo*, fundado em 1875 que, sob a direção de Julio Mesquita, compra uma impressora Marinoni e introduz novos modelos de composição. Faz contatos com agências estrangeiras e estabelece uma rede de pontos de venda em todo o país. Desse modo, em 1891, foi fundado, no Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil*, dirigido por Rui Barbosa, que era impresso na rotativa Marinoni, utilizando os primeiros clichês em zincografia dos gravadores Antonio Freitas e José Gamarra, em 1895. O jornal inovava com a utilização de intertítulos, facilitando a leitura. Na época, foi considerado o periódico mais moderno em circulação (CAMARGO, 2003).

No estado do Rio Grande do Sul, a República possibilitou a criação de jornais, como o jornal *Diário Popular*, de Theodósio de Menezes, que teve o início de suas atividades em 1890 no interior do estado, na cidade de Pelotas, utilizando inicialmente o ideal republicano e tipos móveis. Em 1895 surge na capital, Porto Alegre, o *Correio do Povo*, de Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, que abordava em suas páginas a Questão Militar e suas conseqüências².

Os primeiros anos do século XX foram marcados pela disseminação de conhecimentos técnicos e idéias políticas. Aos poucos, a população saiu do campo e foi para os centros urbanos em busca de novas condições de trabalho, movimentando as máquinas e fomentando as novas ideologias. No Brasil, o ritmo não foi diferente, apesar de possuir uma defasagem tecnológica em relação aos países europeus e norte-americanos, onde as máquinas eram fabricadas, a produção de impressos foi constante e intensa (CAMARGO, 2003).

O ofício tipográfico era, tradicionalmente, exercido em empresas familiares, onde os jovens aprendiam as várias etapas do trabalho a partir da desmontagem e montagem das fôrmas de tipos (IBIP, 2003). No Rio Grande do Sul, na cidade de São Leopoldo, o pastor protestante Wilhelm Rotermund criou, em 1877, uma gráfica e editora que até

² JORNAL DA ABI. Disponível em: < <http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro-2009.pdf> > Acesso em: 08 jul. 2010.

hoje permanece em mãos da família, que passou de geração para geração os conhecimentos de tipografia. Outro exemplo no estado é o jornal Diário Popular, onde muitos funcionários ensinaram a arte da tipografia a seus filhos. Mas, apesar de tal contexto familiar arraigado em várias empresas gaúchas, muitos dos cargos das grandes tipografias eram ocupados por trabalhadores vindos da Europa, pois esses detinham a experiência por serem de países onde essa atividade estava bem estabelecida. Se tratando da prática gráfica da maioria dos brasileiros, a montagem dos textos era feita manualmente, tipo por tipo (CAMARGO, p.48, 2003).

Poucos eram os que tinham acesso às linotipos, que facilitavam ainda mais o processo, resumindo-se a simples utilização de um teclado que compunha linha a linha cada uma das páginas, ao contrário dos tipos móveis que deviam ser arranjados individualmente.

2. Segunda fase – A linotipia e os avanços tecnológicos

Segundo Camargo (2003), a procura por materiais informativos passou a crescer juntamente com o surgimento de novos jornais, fomentando a vida intelectual da sociedade. Assim, a grande imprensa passou a se organizar em nível empresarial. As condições tecnológicas encontravam-se, ainda, em precárias condições, mas a linguagem utilizada nas publicações tornou-se mais moderna e rica. O jornal Diário Popular, em sua segunda fase, passou por uma reestruturação em todos os setores, assumindo uma feição moderna que dinamizou sua redação, com a experiência de Pedro Campos (DIÁRIO POPULAR, 25/08/1990).

A primeira linotipo entrou no estado do Rio Grande do Sul em 1920, através da Editora Globo, para garantir a produção mais rápida de seus livros, já que o estado desenvolvera-se muito e sua capital ostentava uma taxa de alfabetização superior a de São Paulo (CAMARGO, 2003). Em 1936, a editora já possuía 20 dessas máquinas e 500 empregados. Com apenas dois anos de diferença em relação à capital do Estado, em 1922 o jornal Diário Popular se inova adquirindo máquinas, motores, tipos novos e duas linotipos do jornal *A Manhã*, de Porto Alegre³.

As gráficas, a esta época, eram casas de obras, onde se imprimia de tudo. Até 1920 a maioria dos livros impressos no Brasil saía das oficinas dos jornais (IBIP, 2003). Assim, esses serviços também foram oferecidos pelo jornal Diário Popular que atendia a

³ Informação fornecida por Clayr L. Rochefort em entrevista para o grupo de pesquisa *Memória gráfica de Pelotas* sobre o jornal Diário Popular, em Pelotas, em maio de 2010.

demanda regional, através da impressão de rótulos, almanaques, jornais de terceiros e livros.

A aquisição de máquinas vindas do exterior era para poucos. Como cita Camargo (2003, p.52) “Monteiro Lobato foi inovador ao importar para a sua editora os primeiros monotipos americanos.” Monteiro Lobato era um dos poucos empresários que detinham tal empreendedorismo. A maioria dos jornais, editoras e gráficas compravam máquinas de outras empresas que estavam fechando as portas ou querendo reformular seu parque gráfico. O Diário Popular ao longo de seu desenvolvimento adquiriu muito de seu maquinário através desse processo, como um exemplo, a máquina Marinoni, fabricada na França, comprada em 1938 pelo jornal. Imprimiu primeiramente o jornal *La Prensa*, posteriormente *A Noite* (RJ) e ainda o jornal *A manhã* de Porto Alegre, para então chegar ao Diário Popular⁴.

Considerações finais

Observa-se, a partir do levantamento histórico, que o jornal Diário Popular acompanhou o desenvolvimento da produção gráfica brasileira, tendo uma importância relevante para o desenvolvimento da região até o início da década de 30, quando em decorrência da quebra do Banco Pelotense, sua atuação sofreu um baque condizente com a crise econômica instaurada então na cidade de Pelotas e região. Com o cenário municipal modificado, o jornal passou por um período sem grandes inovações técnicas, enquanto no resto do país o sistema se modernizava.

Em 1984, em uma nova etapa, que seria a terceira fase de sua história, o jornal Diário Popular adquire novo maquinário, caracterizado por uma impressora rotativa “off-set”, passando então por uma etapa de reestruturação e modernização e ganhando, assim destaque no âmbito editorial regional.

Tanto em termos de maquinário e métodos de produção quanto em relação ao projeto gráfico editorial como campo de trabalho e produção de conhecimento, é evidente a importância que utilizar o maior jornal periódico em circulação no interior do Estado como objeto de pesquisa, possui. Tal relevância é o principal mote desta vertente do Memória Gráfica de Pelotas, que começa agora a tomar corpo e fazer parte da pesquisa

⁴ Informação fornecida por Clayr L. Rochefort em entrevista para o grupo de pesquisa *Memória gráfica de Pelotas* sobre o jornal Diário Popular, em Pelotas, em maio de 2010.

não apenas como fonte de informações e suporte para divulgação de diferentes produtos gráficos, mas também, ele próprio, como locus de se pensar e produzir design em nosso contexto socioeconômico e cultural.

Referências

CARDOSO, Rafael [organizador]. **Impressos no Brasil, 1808 – 1930: destaque da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

CAMARGO, Mário de [organizador]. **Gráfica: arte e indústria no Brasil: 180 anos de História**. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003.

JORNAL DA ABI. Disponível em: < <http://www.abi.org.br/jornaldaabi/Novembro-2009.pdf> > Acesso em: 08 jul. 2010.

QUEVEDO, Raul. **Diário Popular**, Pelotas, 25 ago. 1990. Edição Centenária.